

A Ásia do Sudeste e o mundo tropical *

PIERRE GOUROU

(Professor do Colégio de França, Paris)

INTRODUÇÃO

O mundo exterior é, para o geógrafo, objeto de estudo e de prazer; êste mundo exterior não é sômente a paisagem imediatamente sob os olhos do geógrafo, são também as extensões mais vastas, as quais o geógrafo controla com viagens e permanências no terreno, pelo exame de mapas, pelas leituras que não desprezam nenhum aspecto do mundo exterior. Estas extensões se dispõem em conjuntos racionais dotados de uma espécie de personalidade: a Ásia do Sudeste é um dêstes conjuntos racionais.

O geógrafo sabe bem que o mundo exterior é apenas o afloramento no espaço e a imobilização aparente no tempo de um jôgo complexo de relações, de estruturas. O geógrafo dá menor atenção à aparência do mundo exterior que a suas razões de ser; a geografia não é apenas uma leve descrição, é mais nitidamente uma classificação; é sobretudo uma explicação. Humanismo de uma época científica a geografia quer coordenar todos os dados do conhecimento à explicação do que ela vê.

Em relação ao mundo exterior, ao geógrafo só interessa o “como?” para indagar corretamente os problemas relacionados ao “por quê?”.

Para ver bem, o geógrafo deve perguntar-se diante de cada aspecto do mundo exterior, porque é assim e não de outra forma. O geógrafo tem uma atitude de dúvida sistemática, é um indagador eminentemente profissional. Mas as estruturas que sustêm o mundo exterior que vemos não dão a êste um caráter inevitável?

Não; porque múltiplas e interdependentes, estas estruturas influem umas sôbre as outras, de maneira que o resultado de suas ações e interações, quer simples, quer inevitáveis, apresenta uma larga margem de incerteza. Uma outra dosagem, possível e verdadeira, das relações que formam as paisagens e as regiões, teria dado resultados diferentes.

As paisagens e os caracteres geográficos de uma região como a Ásia do Sudeste resultam da ação combinada dos dados físicos e dos homens; mas os homens agem no quadro de “civilizações” que lhes dá os meios (técnicos, intelectuais, sociais e políticos) de reconhecer o mundo exterior, de explotá-lo e de organizá-lo. Um grupo humano não pode apreender o mundo exterior senão através das técnicas de exploração da natureza e os sistemas de organização do espaço que confia a êste grupo humano a civilização a que pertence.

O geógrafo, ao contrário, sabe que cada civilização tem sua geografia humana; nestas condições, a geografia humana geral é a coleção lúcida e crítica, e por isso mesmo científica, das soluções que as diversas civilizações deram aos problemas de exploração da natureza e da organização do espaço.

ALGUNS PROBLEMAS GEOGRÁFICOS DA ÁSIA DO SUDESTE

Estas reflexões eram necessárias para afirmar o estado de espírito com que falarei da Ásia do Sudeste e de seus problemas geográficos enquadrados no mundo tropical. A noção de Ásia do Sudeste é totalmente justificada; compreendendo a península indochinesa e a Insulíndia, se acha na “charneira” da Ásia das Monções, tendo contacto com a Austrália; por todos êstes traços,

* N. R. — Tradução de MARIA CECILIA DE QUEIROZ LACERDA.

a Ásia do Sudeste aparece em primeiro lugar como um fato de "posição geográfica". Ela é mais parcelada e mais marítima que a Índia e a China; são estes fatos resultantes do relevo. Ela é mais quente e mais úmida, ao mesmo tempo, que o conjunto da Índia ou da China.

Mas, se falaria da Ásia do Sudeste se a península indochinesa pertencesse inteira ou profundamente ao mundo cultural indiano, ou ao mundo cultural chinês? A incerteza da influência cultural constitui um traço marcante da Ásia do Sudeste; é esta incerteza o inevitável resultado da posição geográfica, ou somente o efeito de uma série de acontecimentos históricos?

A Ásia do Sudeste é relativamente "bem dotada". Por que, então, ela é, no conjunto, menos densamente habitada que a Índia ou a China? Por que uma civilização superior originária não se desenvolveu aí, em vez das civilizações superiores, refletindo a Índia ou a China? São problemas que fazem a originalidade da Ásia do Sudeste e consagram sua existência.

É evidente, logo de início, que nenhum destes problemas é simples; os caracteres humanos da Ásia do Sudeste dependem largamente da propagação das civilizações indiana e chinesa, as quais explicam, ao menos, tanto pelos mercados exteriores quanto pela ação das condições locais.

A ÁSIA DO SUDESTE NO MUNDO TROPICAL

A Ásia do Sudeste pertence integralmente ao mundo tropical; ela é inteiramente quente: unicamente sobre suas franjas setentrionais a temperatura do mês menos quente cai abaixo da média de + 18° C. É inteiramente pluviosa: as superfícies que recebem menos de 800 milímetros de chuva por ano são ínfimas. As conseqüências "tropicais" são nítidas; o climax vegetal é em geral de floresta; o clima é propício à agricultura, porém vastas são as superfícies "lateralizadas"; a malária é geral e grave. Fora das altas montanhas, cuja extensão é insignificante, a malária poupa somente algumas planícies (cuja salubridade, aliás, é devida menos às condições naturais que a uma certa forma de valorização com predominância das águas estagnadas e poluídas, pouco propícia às larvas dos *anopheles* vetores). A cidade morta de Angkor foi invadida pela floresta; é bem evidente que no tempo da sua glória, Angkor não estava sepultada sob as árvores; aliás, o território que se estende ao norte da cidade revela numerosos indícios de trabalhos hidráulicos, barragens arruinadas, imensas bacias secas. A região teve organização hidráulica destinada a irrigar os solos.

As invasões siamesas a partir do século XIV provocaram a ruína e o abandono destes trabalhos; a decadência econômica e demográfica agrava-se pelo surto da malária, como é geral na Ásia do Sudeste, nos países moderadamente acidentados, onde as águas são caudalosas (a região ao norte de Angkor é um terraço irrigado pelos rios); a partir deste momento a reconquista do solo exigia não somente a reconstrução da organização hidráulica mas o ataque a uma malária perigosa (hoje os habitantes, — muito espalhados — da floresta ao norte de Angkor têm um índice particularmente elevado de infecção malárica.

O mesmo aconteceu em Anuradhapura (Ceilão).

A Ásia do Sudeste pertence incontestavelmente ao mundo tropical; mas é dotada de vantagens excepcionais. Enquanto o mundo tropical é largamente constituído de velhas plataformas pré-cambrianas erodidas por superfície de aplainamento mais ou menos dissimuladas sob solos esgotados, a Ásia do Sudeste mostra um relevo bem diferente. As velhas plataformas subsistem unicamente como destroços (Indochina do Vietnam central); montanhas enrugadas testemunham uma atividade orogênica que prossegue em nossos dias nas franjas orientais da Insulíndia; vastas extensões de terrenos vulcânicos básicos recentes têm solos férteis; enfim, grandes planícies aluviais modernas de terras jovens e ricas foram construídas pelos rios laboriosos que devem sua carga aos seus cursos superiores, estabelecidos nas montanhas, onde domina uma erosão em plena juventude (tal é o caso do solo, em Java) e freqüentemente nas montanhas extratropicais (rio Vermelho, Mekong, Iraúadi). A penetração do mar é mais avançada que na China ou nas Índias ou no resto do mundo tropical, habitualmente maciço.

GRANDES TRAÇOS DA GEOGRAFIA HUMANA DA ÁSIA DO SUDESTE

Pode-se dizer que a Ásia do Sudeste tirou grandes proveitos de sua acessibilidade marítima, de seu clima tropical em geral pluvioso, dos seus solos frequentemente férteis? Para responder a esta pergunta, que está no centro da nossa inquietude geográfica, lancemos os olhos sobre a geografia humana da Ásia do Sudeste. O que nos chama a atenção é, de um lado, a notável variedade das paisagens humanas e, de outro, as respostas desiguais que os homens deram às condições naturais.

Tomemos as planícies aluviais no litoral; algumas dentre elas têm uma densidade rural muito forte, (o delta do rio Vermelho, as pequenas planícies do Annam setentrional e central); outras têm uma densidade moderada (o delta do Mekong, o delta do Ménam, o delta do Iraúadi); outras enfim, uma densidade fraca (os deltas do sudeste de Bornéu). Não é possível empreender aqui um estudo comparativo das diversas situações; contentar-nos-emos em indicar, em poucas linhas, um esquema descritivo e explicativo para as planícies vietnamesas. O delta do Tonkin é um tipo perfeito de região geográfica caracterizada; lá, nos 15 000 quilômetros quadrados, vive uma população muito densa instalada há muito tempo e que submete o solo a uma exploração total e intensiva. Os limites da região são nítidos tanto sob o ponto de vista físico, quanto sob o ponto de vista humano; quando se passa da planície aluvial às colinas que a enquadram, muda-se da densidade muito forte para a densidade muito fraca, enquanto aparecem os primeiros elementos étnicos não vietnameses. Uma união muito estreita estabeleceu-se entre o povo vietnamês e a planície do rio Vermelho, pela intervenção das técnicas agrícolas aperfeiçoadas (e que são de estilo chinês) e de um sistema eficaz de organização do espaço (que era de inspiração fielmente chinesa na sua hierarquia administrativa sólida e centralizada).

Tendo do mundo exterior certo conhecimento que lhe impunha sua civilização, a nação vietnamesa saiu do seu berço para ganhar, pouco a pouco, territórios cada vez mais distantes, mas cujos traços físicos estavam de acordo com a civilização que julgavam vantajosa.

Na marcha para o sul, a nação vietnamesa atingiu o delta do Mekong no século XVII. Também a densidade da população rural, nesta região, é muito mais fraca que nos velhos países vietnameses; ela decresce, alias, no delta do Mekong de leste para oeste. Mas as planícies litorâneas do sul da Indochina oriental não eram povoadas antes da chegada dos vietnameses? Certamente os vietnameses venceram e assinalaram os Cham, povo de influência indiana que soube criar nas planícies do Annam central uma civilização respeitável no que se refere à hidráulica agrícola e à arte religiosa. Como os Cham, os Cambodgianos que eram os donos do delta Mekong não souberam resistir ao impacto dos vietnameses e tiveram de ceder. Se subsistem ainda pequenas ilhas cambodgianas no delta, o essencial é que elas não pertencem aos vietnameses agora mais do que outrora. Que aconteceu? Parece que os vietnameses tinham uma dupla superioridade sobre seus adversários: suas técnicas agrícolas mais intensivas lhes permitiam ser mais numerosos e mais enraizados; por outro lado, tinham uma organização administrativa mais exata, mais precisa, mais contínua, mais capacitada para servir aos seus longos planos. Mas tudo isso quer dizer que não podemos compreender a geografia das planícies marítimas da Indochina oriental se não considerarmos, além das condições físicas, a natureza das civilizações e a sua duração diante da qual estas civilizações puderam exercer-se sobre um território considerado; a história deste território propriamente dito.

O que foi dito das planícies aluviais poderia ser repetido em relação aos solos vulcânicos. É impossível aceitar a idéia de que os solos vulcânicos (férteis, bem entendido) gerem automaticamente uma população numerosa. Aliás, as terras mais povoadas de Java estão no norte desta ilha, entre Cheribon e Surakarta, sobre aluviões modernas e antigas que não têm as qualidades reconhecidas das terras vulcânicas. A ilha de Madeira, que não tem uma polegada de terra vulcânica, e que tem somente 740 quilômetros quadrados irrigados sobre 4 460 quilômetros quadrados cultivados (e 5 971 quilômetros quadrados de superfície total) conta entretanto 320 habitantes por quilômetro quadrado. Somos levados a concluir: um estudo mais longo acabaria confirmando o traço essencial da geografia humana da Ásia do Sudeste, que é a variedade. Variedade das densidades das populações, variedade dos níveis técnicos, justaposição dos estilos de vida muito diferentes, tudo isto dá à Ásia do Sudeste uma fisionomia que a princípio surpreende, tratando-se de uma região particularmente propícia às trocas e às comunicações. Para compreender isto claramente, teremos que pesquisar a história das civilizações.

A HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES NA ÁSIA DO SUDESTE

A Ásia do Sudeste, particularmente sua parte insular, está bem colocada, no estado atual dos nossos conhecimentos, para ser considerada como um dos focos originais do gênero humano. Por outro lado, há razões para pensar que uma civilização neolítica brilhante aí se desenvolveu; é provável que espécies cultivadas como o taro e o inhame aí foram começadas. A invenção de uma agricultura à base de tubérculos é muito plausível no meio equatorial. A cultura do taro em terraços irrigados não é para creditar-se à Ásia do Sudeste? Não se deve pensar que a combinação de uma agricultura inundada (taro) e de uma agricultura seca (cereais), que resultou nos arrozais inundados, foi realizada na Ásia do Sudeste? Entretanto, a Ásia do Sudeste não deu nascimento a uma forma original de civilização superior (quer dizer, de uma forma de civilização particularmente notável sobre o plano de organização do espaço: governo, administração, escrita). Tudo o que, na Ásia do Sudeste, é do domínio das civilizações superiores, provém da Índia e da China. Como explicar isto? É preciso aceitar uma explicação determinista pela hostilidade suposta da natureza tropical (hostilidade do clima, hostilidade do solo, hostilidade das doenças)? Tal explicação não é sustentável, e aliás ela é desmentida por tudo que sabemos dos desenvolvimentos da civilização neolítica. É preciso aceitar uma explicação determinista inversa (o meio tropical seria tão agradável que desencorajasse os esforços necessários ao progresso)? Trata-se de uma explicação quimérica e inaceitável — É preciso crer que a Ásia do Sudeste, depois da fase neolítica, tivesse sido um "fim do mundo", um impasse, não tendo recebido nenhum impulso do Pacífico e da Austrália; que ela se encontrasse em má situação para criar uma civilização superior (se é preciso pensar que as "boas" condições são realizadas no encontro de influências). Mas em suma, há alguma coisa para se explicar? Não poderíamos contentar-nos de verificar que a Ásia do Sudeste não tinha ainda levado bastante longe seu próprio processo criador de civilização superior quando ela foi atingida pelas irradiações das civilizações indiana e chinesa que tinham sobre as civilizações locais tal adiantamento que essas não tiveram mais possibilidade de evoluir na sua própria linha? Para citar um exemplo particularmente claro — mas que tem significação muito generalizada — a Ásia do Sudeste não desenvolveu uma religião originária, aceitou sobretudo da Índia e um pouco da China e da Arábia pela intervenção do Islam Indiano, e da Europa suas principais religiões.

BALANÇO "TROPICAL" DA GEOGRAFIA HUMANA DA ÁSIA DO SUDESTE

Estamos, depois destas indicações, mais bem colocados para avaliar as relações entre a geografia humana da Ásia do Sudeste e as condições "tropicais", estando bem entendido que os fatos da geografia humana não estão relacionados diretamente com o meio físico; coloca-se entre eles o prisma deformante das civilizações. Reteremos os pontos seguintes como dignos de pesquisa e de meditação: o meio tropical e o nascimento da humanidade, que contribuições a Ásia do Sudeste pode levar a este problema?

— deve-se considerar que as condições tropicais da Ásia do Sudeste foram propícias ao nascimento de uma agricultura fundada sobre tubérculos? Propícias ou, melhor, determinantes? Que se deve pensar da preferência que os habitantes da Ásia do Sudeste mostraram em seguida pelos cereais?

— são as condições tropicais, como o impaludismo, por exemplo, responsáveis pela existência de grandes extensões pouco povoadas, onde a população tem técnicas atrasadas?

— deve o *ladang* (roçado) ser considerado até certo ponto como liame às condições "tropicais"? Ou é simplesmente um nível técnico fadado a desaparecer no progresso das civilizações?

— não seria prudente examinar se o *ladang* não asseguraria uma produtividade por dia de trabalho tão grande ou maior que as formas tradicionais da agricultura intensiva?

— a colonização chinesa na Ásia do Sudeste deve ser considerada como constituindo a prova de que as populações de origem extratropical podem prosperar no meio tropical? Mas são os chineses meridionais extratropicais?

— um fato tipicamente tropical: a produção dos condimentos favorecida pela acessibilidade tão particular da Ásia do Sudeste. Não se deveria tratar o desenvolvimento das culturas de *plantations* na mesma perspectiva?

CONCLUSÃO GERAL

Fora dos pontos que acabam de ser sublinhados, os traços da geografia humana da Ásia do Sudeste pertencem à "posição" desta região, à influência de civilização, às evoluções históricas. A variedade e a descontinuidade que são os temas maiores, foram influenciados pelo desmembramento físico, mas não foram determinados por êle. O mar que poderia ter sido um princípio uniformizador, contribuiu grandemente para a difusão da nação malaia?

País de variedade, de descontinuidade, de povoamento com lacunas, a Ásia do Sudeste tem um futuro menos determinado que a Índia ou a China. Muitos reagrupamentos, muitos movimentos de colonização são possíveis num domínio onde o homem está longe de ter tomado a iniciativa. Como a Ásia do Sudeste talvez não tenha todos os recursos necessários a êstes desenvolvimentos, é permitido supor que influências diversas se manifestarão na ocasião do fornecimento êstes recursos. A Ásia do Sudeste seria então, como há vinte séculos, um lugar de convergência e não um foco de irradiação.

Nota — Não é possível, sobre tal assunto, dar-se uma bibliografia. Devo contentar-me em indicar publicações que consagrei à Ásia do Sudeste, e que são providas de extensa bibliografia:

Les Paysans du Delta tonkinois (Paris, 1936):

L'Habitation annamite en Annam septentrional et central (Paris, 1936):

L'Utilisation du sol en Indochine française (Paris, 1940):

La terre et l'Homme en Extrême-Orient (Paris, 1940):

Les Pays tropicaux (Paris, 1947):

L'Asie (Paris, 1947).